

D. Wenceslão de Siqueira
(Ana Reys Freitas)
VICENTE DE CARVALHO

UMA CANDIDATURA

== A ==

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS



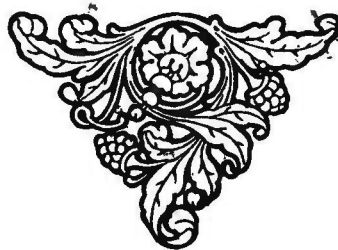
S. PAULO
CASSINO FILHO & C. — RUA PRINTELA, 35
1911

VICENTE DE CARVALHO

UMA CANDIDATURA

— Á —

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS



S. PAULO
CARDOZO FILHO & C. — RUA DIREITA, 36
1911

Sou candidato á cadeira da Academia Paulista de Letras, vaga pela morte do dr. Rafael Corrêa da Silva. Inscrevi-me, para esse efeito, não de surpresa, mas dois largos mezes antes do encerramento da respectiva inscrição. A noticia da minha candidatura terá cauzado estranheza, e demanda esplanção, que procurarei dar com toda a lizura.

Contrario, por principio, á idéa das Academias regionais, —sobretudo porque não temos dialétos ou literaturas regionais que elas representem — bati-me; pela imprensa, contra a criação da Academia Paulista. Si a existencia dessa instituição tivesse dependido, ou dependesse do meu voto, ela não ezistiria. Mas a idéa de uma Academia Paulista vingou; a Academia eziste; a propria eleição a que concorro mostra que ela vive, e quer viver. Mau grado as minhas opiniões, tenho de aceitar-a como um fato consumado.

Não me cabendo responsabilidade na sua existencia, eu poderia conservar-me alheio á Academia Paulista: o mundo das letras é largo bastante para que nele coubes-

semos, ela e eu, sem nos incomodarmos. Ser-me-ia até fácil disfarçar com o pretesto da coerencia o meu afastamento. A verdade, porém, é que o argumento da coerencia seria um sofisma, e que a minha attitude de abstenção teria alguma couza de acintozamente aggressiva.

Sou um escritor genuinamente paulista; aqui naci, aqui tenho vivido sempre, aqui foi produzida até hoje, e, segundo as probabilidades, o será sempre, toda a minha obra literaria. Cultivo as letras com assiduo e não recatado amor, sem fingir que delas me dezinteresso como de couza secundaria. De todas as funções que tenho ezercido, e foram já bastantes, e algumas altamente honrozias, nenhuma sobrepuz ou sobreponho á de homem de letras. Só dessa fio a minha sobrevivencia espiritual, eu, pobre poeta desherdado da esperança numa outra vida, e que tem por suprema ambição do seu egoismo, não um grande logar na terra, mas um pequenino recanto na simpatia mais ou menos duradoura de algumas almas.

Si eu fosse um franco atirador fazendo literatura, livre de peias, por minha conta e risco, ser-me-ia licito manter-me alheiado de todo á Academia Paulista, sem dar margem a que se attribuisse ao meu afastamento uma significação determinada. As letras são um terreno aberto em que cada um póde cultivar o seu jardim, ou a sua horta, segundo o seu gosto e sem constrangimentos obrigatorios. Ninguem é forçado, pela circumstancia de que maneja uma pena, a pol-a em continencia deante das Academias, simbolos da Autoridade, de uma autoridade muito discutida, na Republica, ou, federativamente, nos Estados das letras.

O meu cazo, porém, não é o de um franco atirador: sou um soldado arrejimentado a quem a farda — uma farda bem vistoza por sinal! — impõe os deveres da diciplina. Aceitei, por um compromisso tacito, a autoridade das Academias, desde que disputei entrada numa

délas. E a ecepcional generozidade com que essa me abriu os braços, e o patente carinho com que me acolheu em seu seio, colocam-me, com relação á joven Academia Paulista, numa dessas delicadas situações em que *noblesse oblige*.

Tendo eu, obscuro poeta provinciano, ido disputar tão longe e tão alto, com audacia que o successo coroou, um logar na Academia Brasileira, chamada graciosamente e sem impropriedade — «o senado das letras nacionais» —, que significaria da minha parte, não pretender, em cazo por assim dizer domestico, um logar na Academia de minha terra?

Ninguem aceitaria, se eu a désse, a fingida desculpa da modestia. Si eu, que me abalancei a empreza bem mais ambicioza e difficil, me detivesse agora diante da porta aberta da Academia Paulista, dizendo: «*Non sum dignus*. . .» havia de parecer que a minha escuza continha sob a sua solenidade de latim canonico um fundo de grosseira ironia.

Tambem me não valeria o pretesto de indiferença pelos titulos academicos, a mim que ambicionei o da Academia Brasileira. Contentar-me com esse, que lá fóra fui disputar, quando aqui, no meio em que vivo, por assim dizer ao alcance de minha mão, outro eziste destinado a coroar, num circulo limitado de que faço parte, o esforço dos que escrevem com amor da expressão; fóra permitir que se tirasse da minha attitude uma concluzão dezagradavel. Partindo de uma certeza provada para uma hipotéze compaível com a lojica, concluiriam os maliciosos que eu, que não menosprézo os titulos academicos, faço individuada e ofensivamente alvo de meu desdem o titulo da Academia Paulista. Ora a ambição de riquezas, ainda quando ezajerada, e satisfeita, não impede que se aprecie e estime a prata de caza.

* * *

Bati-me com o vigor de que dispuz, contra a criação da Academia Paulista; e fui afinal vencido no terreno dos fatos. A Academia venceu-me, vivendo. Longe de mim perpetuar em hostilidade rancorosa uma divergencia intelectual que já nem tem razão de ser. A Academia, mau grado meu, eziste. Não guardo resentimento de cazo em que ela, rezistindo á minha opinião, e ao meu esforço, ezerceu o mais inviolavel dos direitos, o direito á vida. Ser vencido tambem obriga. E' de coração á larga, rizonhamente, que eu agora, com a minha candidatura, ofereço á Academia um ramo de oliveira, da arvore amada de Minerva, a cuja sombra fecunda é tradição que florecem as letras.

Enterremos, e bem fundo, se assim o quizer a Academia, a acha da guerra. Não me considero humilhado ou diminuido por esta proposta de pazes. Não creio tambem que se humilhe a Academia, aceitando-a. Nem a Academia precisa de mim, nem eu preciso da Academia — é uma circumstancia feliz que nos põi á vontade. Quando combati a Academia, comecei reclamando energica e insistentemente contra o arbitrio com que ela me exilara das letras paulistas. Com a minha candidatura, mantenho-me no mesmo ponto de vista: desde que aqui eziste uma Academia, composta de quarenta escritores paulistas, cumpre-me disputar nela um logar, o ultimo.

Não se trata de amor proprio — sentimento que, aliaz, só é condenavel quando ezagera as suas proporções. Nem seria de estranhar que por amor proprio me empenhasse em ser incluido entre os quarenta escritores paulistas consagrados pela Academia, eu, cuja vida litteraria, já distanciada do alvorecer, tem sido um esforço tenaz no sentido de merecer tal distincção. O meu curso

de habilitação para esse bacharelato em letras dura ha trinta annos.

Mas não se trata de amor proprio, repito — ou, se o quizerem, não se trata só de amor proprio. A honra que porventura me faça a Academia Paulista admitindo-me oficialmente no numero dos escritores paulistas, e que receberei como um ato de justiça, pouco acrecentará, no terreno das minhas vaidades, á que recebi da Academia Brasileira, quando, e com fraternal alvoroço, me franqueou entrada no gremio official dos escritores nacionais. Outro, porem, que não o das minhas vaidades pessoais, é o terreno em que coloco a questão, ou em que a questão se coloca diante de mim.

A Academia, a cujas portas bato com a minha candidatura, fez-se para consagração dos escritores paulistas. Deixando-me de fóra, ella, evidentemente, não me contesta a qualidade de paulista, materia de fato, insusceptivel de discussão e de duvida; o que parece, portanto, é desconhecer em mim a qualidade de escritor. Ora as insignias que me conferiu a Academia Brasileira obrigam-me a procurar manter com honra, em todas as situações, mesmo as mais dificeis, e em toda a parte, até na terra em que naci, onde vivo, onde escrevo, a minha qualidade de escritor.

* * *

A minha candidatura é aventureza; reconheço-o, mas nem porisso hezito em afrontar com ella os azares da sorte. Sei, de mim, que não guardo resentimento da Academia; ignoro, porém, quais os sentimentos da Academia para comigo. Ofereço-lhe, com a minha candidatura, ensejo de os manifestar, e de pôr á rixa que tivemos um remate espirituozo, digno de um debate, como esse, travado entre gente de espirito, ou que tem obrigação de o ser.

Não será, de certo, e antes de tudo, falta de espirito dar razão a quem a tem. Que pretendo eu com a minha candidatura? Que a Academia me conceda fóros de escritor paulista. Não me parece fóra da razão o que ambiciono, ou fóra de propóziito que se me satisfaça essa ambição. Quem apenas reclama justiça não se humilha; mas será humilhante para quem a faz o fazel-a?

Si a Academia me tem na conta de inimigo, nêem isso a dezobriga. A justiça que só se faz aos amigos não é justiça, é favor; e o favor, em materia como essa, de uma consagração só devida ao merito que fez perante o conceito publico as suas provas, tanto dêprime a quem o recebe como a quem o concede. Ao contrario do que deve acontecer nos Templos, nas Academias só se pôde entrar de cabeça erguida. Si eu reputasse como um favor o titulo que reclamo, fosse, indiferentemente, amigo ou inimigo da Academia, asseguro que não o pretenderia.

A minha candidatura é, a toda evidencia, mais significativa do que um amavel cartão de vizita. Si, apesar disso, a Academia insistisse em considerar-me ainda como adversario merecedor da sua ira, poderia dar-me, com essa orientação vingativa, um castigo espirituozo — recrutando o inimigo para as suas fileiras, fazendo-me prizioneiro de guerra na cadeira vitalicia de que tão por minha vontade me abeiros.

* * *

Mas essa hipóteze é gratuita. A Academia não receberá como a inimigo quem bate á sua porta para oferecer-lhe uma proposta de reconciliação — de reconciliação que, sem ser de proveito para ninguem, pôde ser honroza para todos. O odio, si não destôa tão feia palavra a propozito de couzas tão leves, está longe de ser planta precioza que se cultive com carinho.

Tem sido notado como uma esquizitice, que peza não sei si mais sobre mim ou sobre a Academia, o fato de ezistir uma Academia Paulista de Letras e não fazer eu parte dela. A estranheza se tem manifestado em letra de fôrma, de modo bastante publico para que eu a ela me possa referir em caracter de méra citação, sem que por isso a endósse. Tenham ou não razão os que consideram como uma anomalia esse fato, dá-se agora ocazião de taparmos a boca do mundo, fazendo-os calar: a Academia, aos inimigos que por isso a increpam; eu, aos amigos que de tal me acuzam.

De minha parte, dezobriço-me fazendo o que posso: apresento-me candidato. A uma vitoria? A uma derrota? Ignoro-o. Apresento-me candidato a uma cadeira que está vaga — e que só poderei ocupar pelo eoncurso associado da minha iniciativa e do sufragio da Academia. Já agora, e para todo o sempre, si eu continuar fóra da Academia, quem o estranhar não poderá imputar-me qualquer parcela de culpa nessa auzencia.

Já agora, a Academia, de seu lado, não poderá alegar que eu fui uma vitima do seu involuntario esquecimento dela, ou da minha propria abstenção. A Academia tem de manifestar-se, por um ato positivo, a meu respeito: ou franquear-me a sua hospitalidade, ou trancar-me a sua porta.

* * *

Advogando ardoroza e estensamente, como venho fazendo nestas linhas, a minha candidatura, deixei assinalados os varios motivos, todos de natureza literaria, que me induziram a ser candidato; resta-me espôr os fundamentos com que espero ser eleito. Ezibirei os dois titulos com que conto captar os votos da Academia Paulista.

O primeiro deles é o titulo de membro da Academia Brasileira. E' verdade que esse não tem, no mundo

dos negócios, valor intrinseco, como os chamados *títulos de bolsa*; nem, no mundo da nobiliarquia, o merito de ser fruto de uma arvore jenealogica com raizes nas Cruzadas. Mas no mundo das letras, e no das letras academicas, principalmente, não se lhe póde negar cotação.

E' quazi certo que os que com os seus votos me receberam na Academia Brasileira não m'os negariam para que eu entrasse na Academia Paulista — si nesta fossem eleitores. Não ha razão nenhuma para que se louvem na opinião daqueles outros os academicos paulistas; a Academia Paulista é autonoma, e dispõi como entende dos seus votos e das suas poltronas. Como, porém, entre os que em mim votaram, figuram muitos dos maiores nomes literarios do Brazil, louvo-me eu neles para incutir animo ás minhas esperanças, e justificar a ouzadia da minha ambição.

Ajustaram-se o capricho dos deuzes e a boa vontade dos homens para fazer com que eu pudesse ostentar, em ocasião de tanta oportunidade, como esta, o título de membro da Academia Brasileira. Muitos outros, no seio da Academia Paulista, o mereciam e merecem mais do que eu: desvanece-me poder lembrar que isto mesmo escrevi, não quando lhes disputava os votos, como agora, e sim quando me achava empenhado em combater com veemencia a corporação do que eles são e eram ornamento. Seja como fôr, bem ou mal, possuo esse titulo, que conquistei licitamente, e que a Academia Paulista não póde deixar de tomar em alguma consideração. Porque, si em nenhuma o tivesse, em que conta poderia a Academia Paulista pretender que fossem tidos os que ela propria se destina a conferir?

* * *

O meu segundo titulo é de natureza mais intima; valeria, si outro merecimento não tivesse, pela antiguidade. Não me acoimem de vaidoso porque dele me socorro. Tenho necessidade de não ser modesto quando me empenho, como aqui faço, por alcançar o reconhecimento de um direito que supponho assistir-me, e não por obter um favor de que, a falar verdade, não preciso para qualquer fim pessoal. E depois, a minha vaidade merece perdão como sendo um produto da benevolencia alheia. No seio da propria Academia Paulista figuram muitos dos culpadissimos na culpa desse defeito meu.

Carlos Ferreira, o velho poeta que envelheceu gloriozamente fazendo versos, é, talvez, d'entre os nomes literarios da Academia Paulista, o mais venerando. Em 1885 — como as couzas a que se refere essa lonjinha data recendem a outro seculo! — em 1885, eu enfeixara em volume, sob o titulo de «Ardeñtias», um punhado de rimas escritas e publicadas com a descuidoza confiança da adolescencia. Por esse tempo um jornal carioca, nem me lembra qual, poz em votação publica o seguinte: qual o maior poeta do Brazil? Recordo-me apenas de que essa urna eleitoral improvisada teve razão, fazendo realçar em triunfo o grande nome de Gonçalves Dias.

Carlos Ferreira tratou das «Ardeñtias» em longo artigo, na *Gazeta de Campinas*, de que era diretor. Nesse artigo, que datou de 26 de maio de 1885, e firmou com seu nome, então em pleno fulgor, de poeta, de dramaturgo, de jornalista, escreveu ele:

«Não sabemos quantos votos este escriptor já obteve na eleição a que se está procedendo no Rio para saber-se qual é o primeiro poeta do Brazil; mas si ainda não teve

a gloria de contar um só, não se moleste com isso, porque nem assim deixará de ser um dos mais estimaveis talentos brasileiros».

Não dêmos ás frases que aí deixei transcritas proporções maiores do que as que elas têm, como ezagero de benevolencia, desculpavel num poeta familiarizado com o uzo das hyperboles. Asseguram-me até, couza que eu, aliaz, ponho em justa duvida, que Carlos Ferreira não me honrará agora com o seu voto na eleição que disputo. Mas espero que se louvem naquele testemunho do seu venerando colega os demais academicos paulistas, sobre tudo os que, e creio que são a grande maioria, naceram para as letras, ou para as letras paulistas, muito depois de 1885.

Limada do que escreveu o poeta toda a esterioridade hyperbolica, ainda ali ficará uma pequenina substancia bastante para garantir que ele, em 1885, me julgaria digno da ser votado. Para que? Para primeiro poeta do Brasil? Para figurar entre os mais estimaveis talentos brasileiros? Não, e nem se trata disso, nem de couza que com isso se pareça; para colocação bem mais modesta: para o ultimo lugar entre os quarenta escritores paulistas a quem a Academia concede o direito de uzar esse titulo honorifico. Pois no conceito da Academia Paulista terei decaido tanto, da adolescencia para a idade madura, das «Ardentias» até aos «Poemas e Canções», a ponto de não merecer agora, ao menos em respeito ao passado, uma distincção literaria que, segundo o testemunho academico, insuspeito e venerando de Carlos Ferreira, não me descaberia quando eu tinha dezenove anos?

* * *

Espero com espectativa simpatica, e impessoal, a decizão da Academia Paulista neste pleito de solução forçozamente alegre. Confio em que, elejendo-me ou não,

a Academia procederá com acerto. Ela dará sem duvida o seu sufragio ao candidato que com melhores titulos o mereça. Vai nisso, mais do que o seu interesse, o seu dever. A Academia fez-se para representar oficialmente a nossa cultura literaria, e está ezercendo de fato essa representação em que se investiu. Isso impõi-lhe responsabilidades a que ela não quererá furtar-se. Quem, como a Academia, ezerce de fato uma tão alta representação, precisa, de necessidade, mostrar-se nos seus atos capaz de a exercer de direito.

Em téze, as Academias literarias só vivem, na larga acepção do vocabulo, pelo prestijio dos nomes que elas atráem para si, e que as constelam. As honras que as Academias conferem não podem ser distribuidas ao acazo como obras de graça criadora. Os titulos de distincção que outorgam aos que elejem não hão de ser malbaratados, hão de corresponder a merecimento notorio dos eleitos, ou descairão afinal, de atestados de benemerencia, em simples comendas, menos do que inofensivas, vexatorias.

Na hipóteze com que se vê a braços a Academia Paulista, tem applicação de rigor especial a téze que deixei esboçada. A Academia, muito no verdor da vida, não dispõi de passado que a prestijie, e lhe garante fazer aceitar como ecepção desculpavel um erro que por ventura cometa. A Academia vai mesmo, desde a sua inauguração, praticar agora o seu primeiro ato significativo: pela primeira vez se lhe depara o ensejo de dar a sua decizão entre candidatos que disputam o seu sufragio. E' natural que a Academia procure, fazendo justiça, dar, nessa estréa em que se vae revelar, a medida da sua orientação e da sua capacidade.

Dir-se-á que os vôtos, em eleições como essa, não pertencem propriamente á Academia, e sim, em character individual, a cada um dos academicos; e que esses podem ser levados a votar por consideraçõis e compro-

missos de ordem pessoal, sem relação direta com os títulos literarios dos candidatos. Seria isso palpavel sofisma. Uma eleição dessas é um duplo julgamento; o que está em cauza são os títulos literarios dos candidatos, e, ao mesmo tempo, a capacidade da Academia para os julgar. Si ha cazos em que as razões pessoais de qualquer natureza devam ceder ao interesse coletivo, este é um deles, creio eu. O voto de um academico não é propriedade particular de que ele possa dispôr inteiramente á sua vontade, com o dezapego de quem dá ao primeiro pedinte um cazaco velho: o seu compromisso primordial, oriundo da natureza e da responsabilidade do proprio mandato que ezerce, é não votar de modo que seu voto redunde em desprestijio da instituição.

* * *

Imajino que todos os que, em nosso meio, se interessam por assuntos de letras, vão acompanhar com curiosidade este pleito, no qual a Academia Paulista se estreará em suas funções de grande eleitor. Por minha parte só dezejo, com sinceridade, que a Academia se saia bem desta primeira prova, ou elejendo-me ou derrotando-me, mas, em qualquer dos cazos, decidindo por bôas razões com que se imponha ao assentimento do publico. Vitoriozo, coroado dos louros simultaneamente academicos, e triunfais, ou vencido, condenado a continuar no ostracismo peiorado pelo vexame da derrota, conservar-me-ei tranquilo de consciencia. A virtude não está em vencer, mas em bater-se bem. Suponho que me bati bem, com denodo e esforço, pela minha candidatura: trabalhei, rimando versos e namorando a gloria, durante trinta anos; e, ao fim deles, escrevi estas compridas razões, nas quais argumentei vigorosamente, sinão com eloquencia, ao menos com ardor e abundancia.

Eleições, como esta a que concorro, são incertas — para quem tem de nelas votar. O mundo das gentes que escrevem é farto; a Academia tem o direito de escolher d'entre os candidatos que se lhe apresentem; não, porém, o de determinar de antemão quem sejam os candidatos. A Academia poderá vêr-se na continjencia de sobrepôr ás suas naturais intenções de cortezia para comigo, e aos titulos com que demando o seu sufrajio, algum desses nomes illustres que se impõem por si mesmos. E fará então bem adotando-o, e, a esse nome, como ao seu proprio dever, sacrificando-me. Serei o primeiro a prestar, por tal ato de justiça, homenagem á Academia e ao seu eleito, dizendo a este: «A tout seigneur» — e á Academia: «Não tem duvida! cá fico de fóra esperando vez».

O que espero confiantemente é que a Academia, não por amor de mim, que nada tenho a ganhar ou a perder nisso, mas por amor de si propria e da cultura paulista, evite a fraqueza de sobrepor-me algum aprendiz de poucas letras, para quem a cadeira academica vá servir como de pia batismal. Ela, e é o que espero confiante, terá, na sua estréa, o cuidado -- que lealmente lhe dezejo com a sinceridade de quem bate á sua porta para levar-lhe uma proposta de reconciliação dezinteresada — ela terá o cuidado de evitar que, em tais condições, a minha derrota seja uma vitoria escandalosa. De quem? Dos inimigos da Academia.

S. Paulo, maio de 1911.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).